



ESCOLA DE
HUMANIDADES

LETRÔNICA

Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS

Letrônica, Porto Alegre, v. 14, n. esp (sup.), p. 1-11, 2021

e-ISSN: 1984-4301

<http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2021.s.42468>

SEÇÃO: ARTIGOS

A constituição do corpo pela alteridade bakhtiniana: de *O Silmarillion* de J. R. R. Tolkien às mulheres negras brasileiras

The constitution of the body by Bakhtinian alterity: from The Silmarillion by J. R. R. Tolkien to black Brazilian women

La constitución del cuerpo por la alteridad bakhtiniana: de El Silmarillion de J. R. R. Tolkien a mujeres negras brasileñas

Alline Duarte Rufo¹

orcid.org/0000-0002-4885-5441
adrufu@gmail.com

Recebido em: 26 abr. 2021.

Aprovado em: 29 nov. 2021.

Publicado em: 20 abr. 2022.

Resumo: Com base teórico-metodológica pautada nos estudos desenvolvidos pelo filósofo da linguagem russo Mikhail Bakhtin, principalmente, nos conceitos de alteridade, corpo e realismo grotesco, o presente artigo se propõe a compreender como determinados corpos são valorados como negativos dentro da obra póstuma *O Silmarillion* de J. R. R. Tolkien, focando em um recorte das características corpóreas de anões e orcs em cotejo com a realidade a partir de dados sobre a violência sofrida por mulheres negras brasileiras e a valorização dos seus corpos. Observando, assim, como os sujeitos se constituem na relação *eu-outro* em um processo de valorização, exclusão e extermínios daqueles que são considerados como diferentes. Ademais, esse corpo também é resistência e transcendência.

Palavras-chave: Corpo. O Silmarillion. Racismo. Realismo Grotesco. Alteridade.

Abstract: With a theoretical and methodological basis guided by the studies developed by the Russian language philosopher Mikhail Bakhtin, mainly on the concepts of alterity, body and grotesque realism, this article aims to understand how certain bodies are valued as negative within the posthumous work *The Silmarillion* by J. R. R. Tolkien, focusing on an outline of the bodily characteristics of dwarves and orcs in comparison with reality from data on the violence suffered by black Brazilian women and the valuation of their bodies. Thus, observing how the subjects are constituted in the *I-other* relationship in a process of valuation, exclusion and extermination of those who are considered to be different. Furthermore, this body is also resistance and transcendence.

Keywords: Body. The Silmarillion. Racism. Grotesque Realism. Alterity.

Resumen: Partiendo de una base teórica y metodológica de los estudios del filósofo ruso Mikhail Bakhtin, principalmente en los conceptos de alteridad, cuerpo y realismo grotesco, este artículo tiene como objetivo comprender cómo ciertos cuerpos son valorados como negativos dentro de la obra póstuma *El Silmarillion* de J. R. R. Tolkien, centrándose en un esbozo de las características corporales de enanos y orcs en comparación con la realidad a partir de datos sobre la violencia sufrida por las mujeres negras brasileñas y la valoración de sus cuerpos. Así, observar cómo los sujetos se constituyen en la relación *yo-otro* en un proceso de valoración, exclusión y exterminio de los que se consideran diferentes. Además, este cuerpo es también resistencia y transcendencia.

Palabras clave: Cuerpo. El Silmarillion. Racismo. Realismo Grotesco. Alteridad.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP, Brasil.

Introdução

Falar sobre o corpo é entrar em terreno arenoso, pois faz parte dos conceitos que perpassam diferentes áreas do conhecimento e perspectivas tanto teóricas quanto religiosas. A filosofia, em especial, parece ter se atentado por mais tempo nesse tópico, grandes nomes como Platão, Descartes, Kant, entre outros escreveram sobre o tema e existe uma longa tradição na literatura a respeito da distinção entre corpo e alma. Um desses filósofos, o francês Maurice Merleau-Ponty, afirmava que "corpo próprio" é uma condição permanente da experiência, que é constituinte da abertura perceptiva para o mundo e seu investimento. Para ele, o corpo é a mediação com o mundo e é na relação *eu-outro* que meu corpo percebe o corpo do outro, encontrando nele um prolongamento de suas próprias intenções. Um pensamento que se conecta às proposições do filósofo da linguagem russo Mikhail Bakhtin. Em sua teoria a alteridade é constituinte dos sujeitos singulares e como muitos outros teóricos ele se propôs a entender o corpo, tanto na vida quanto na arte.

Assim, partindo de uma base teórico-metodológica pautada nos estudos desenvolvidos por Mikhail Bakhtin, olharemos para os corpos valorados negativamente dentro da narrativa de uma obra literária em cotejo com a realidade. A obra é a materialidade linguística que possui uma arquitetônica acabada, com começo, meio e fim, diferentemente da vida, um constante inacabamento até a morte. E ela nos permite o entrever das palavras do mundo na tentativa de compreensão da vida, das relações sociais, dos sujeitos e suas ideologias. Por isso, focaremos neste artigo em um recorte das características dos anões e orcs e a valoração negativa de seus corpos no mundo ficcional de J. R. R. Tolkien, especificamente na obra póstuma *O Silmarillion*. Posteriormente, faremos um cotejo com dados da realidade a respeito das violências sofridas por mulheres negras brasileiras, resultante de uma valoração sobre seus corpos que permeia a história e a cultura uma vez que esse artigo apresenta algumas discussões

levantadas na tese de doutorado intitulada *O corpo e o outro: constituição da alteridade em uma perspectiva bakhtiniana de O Silmarillion de J. R. R. Tolkien em cotejo com o racismo* (RUFO, 2020) cujo objetivo era compreender a valoração de determinados corpos na obra *O Silmarillion* de J. R. R. Tolkien em cotejo com as valorações atribuídas aos corpos negros brasileiros com base em dados da realidade.

De Bakhtin a Tolkien: o ético e o estético do corpo

Mikhail Bakhtin permeia a questão do corpo em diferentes momentos de sua teoria, desenvolvendo-a em estudos seus ao longo de sua vida. Nos seus primeiros escritos, o corpo é constituído de uma relação estética, em que o corpo é um todo visual de contemplação do outro, posteriormente, em uma relação ética, em que ele constitui uma posição singular responsiva.

Iniciando pela obra *Estética da Criação Verbal* no ensaio "O autor e a Personagem na Atividade Estética" com foco no capítulo II, Bakhtin discute a respeito do corpo na atividade estética, examinando "a imagem externa como conjunto de todos os elementos expressivos e falantes do corpo humano" (BAKHTIN, 2011a, p. 25). Para o autor, a nossa imagem externa não integra o nosso horizonte de visão, mas sim nossa autossensação interna. Nesse sentido, observa-se que a imagem externa, o corpo, não pode ser percebido pelo meu horizonte real de visão.² Eu, do meu lugar, não posso perceber a minha própria imagem externa e valorá-la, ela só pode ser vivenciada pela visão do outro sobre mim. Sobre a minha imagem externa, o outro, do seu lugar, me vê como um elemento do mundo exterior plástico-pictural e único com a sua orientação volitivo-emocional e ético-cognitiva. Ou seja, somente o outro na sua singularidade, poder ver o todo do meu corpo, "como um objeto entre outros objetos" (BAKHTIN, 2011a, p. 34). Ademais, "[p]osso experimentar o amor do outro por mim, posso desejar ser amado, posso imaginar e prever o amor do outro por mim, mas não posso amar a mim

² Com exceção de um reflexo que não seria uma percepção real de mim, discussão feita na obra *O homem ao espelho. Apontamentos dos anos 1940* de Mikhail Bakhtin publicada pela editora Pedro & João Editores, em 2019.

mesmo como se amasse o outro, de forma imediata (BAKHTIN, 2011a, p. 44). A questão de não poder sentir-se o próprio corpo como se sente o corpo do outro no nosso está ligada às noções de corpo interior (o meu, em seu fundamento) e de corpo exterior (o do outro, em seu fundamento); porém, ambos *eu* e *outro* possuem um corpo exterior e um corpo interior. É necessário, também, que se debata sobre a questão do corpo como valor, uma vez que o corpo possui uma valoração para as pessoas e está situado em um plano ético e estético. O corpo do outro, exterior, possui um valor que me é dado imediatamente com bases em categorias cognitivas, éticas e estéticas. Nesse sentido, esse corpo começa a acontecer para mim por meio de autossensação interior e uma visão exterior fragmentada, pois minha reação volitivo-emocional é imediata e está em "um plano axiológico inteiramente diverso e inacessível" (BAKHTIN, 2011a, p. 48).

Além da discussão a respeito do corpo interior e exterior, ainda em *Estética da Criação Verbal* no mesmo ensaio, Mikhail Bakhtin (2011a, p. 48) faz um breve levantamento sobre algumas "concepções ético-religioso-estéticas do corpo historicamente significativas, desenvolvidas e acabadas" que, normalmente, generalizam o corpo. É possível observar que, em determinado momento, houve predominâncias distintas: ora corpo interior, ora o exterior, ora uma abordagem objetiva, ora subjetiva. Desse modo, maneiras diversas de vivenciar o corpo e compreender o homem foram desenvolvidas em diferentes momentos históricos e teóricos. Bakhtin perpassa concepções sobre o corpo desde a antiguidade, o estoicismo, o neoplatonismo, as múltiplas perspectivas do cristianismo até as representações pela arte e pelo cientificismo positivista do renascimento. Bakhtin afirma que esse movimento de vivenciamento axiológico real e concreto do homem no todo fechado da existência da sua vida é duplo: para que o *eu* e o *outro* compreendam o corpo, é necessário que se compreendam enquanto singulares dentro de diferentes juízos de valores e planos de visão. No entanto, é apenas no *outro* que meu corpo se torna esteticamente significativo e valorado.

Em outro escrito de Bakhtin (2011b) denominado "Quatro Fragmentos", publicado no Brasil no livro *Questões de cultura e contemporaneidade: o olhar oblíquo de Bakhtin*, o autor discute a respeito da relação entre o corpo e as coisas:

Nosso corpo é para nós o protótipo e a chave de todas as formas. É o único que conhecemos dinamicamente, desde o seu interior. Somente por conta desse conhecimento é que temos a possibilidade de interpretar os limites espaciais das coisas, entendendo-as como a forma. Adivinhamos neles uma força que arranca de seu interior e que, ao se deparar com uma contração proveniente desde fora, é freada em seu crescente impulso e, indócil e tensa, se fixa no espaço (BAKHTIN, 2011b, p. 227).

Nesse sentido, o corpo é compreendido como um espaço de experiências, o único que eu conheço em sua plenitude e com o qual eu apreendo o mundo ao meu entorno e as experiências. Assim, com a forma do meu corpo, eu estabeleço os limites dele e das coisas ao meu redor, o espaço a que ele pertence. Para tanto, é necessário que esse corpo esteja na relação com o *outro* e com o espaço. E, novamente afirma, que somente o outro possui o excedente de visão sobre mim, sobre esse corpo exterior, que não posso vivenciar ou valorar da mesma forma que do meu corpo interior. Interligando, assim, o corpo e a alteridade, o *outro* só existe porque existe um *eu*, e o *eu* só existe porque existe o *outro*; um completa a existência do outro. Eu o reconheço e o valoro na sua existência a partir do meu existir único, e o outro faz o mesmo a partir da sua existência única. É a unicidade da existência de uma pessoa, e não apenas o seu reconhecimento como um outro em relação ao *eu*. O corpo faz parte do processo de alteridade, isso significa que, na relação com outro, eu me constituo pelo meu corpo e o do outro e pelo modo como ele é colocado nessa relação, fazendo parte de mim. O corpo é valorado na relação com o outro e perpassa por questões éticas e religiosas diversas, conforme o tempo e a cultura, estabelecendo, dessa forma, valorações que podem ser positivas ou negativas, o que constitui valores tanto estéticos como éticos.

Outra obra do autor que se debruça sobre o tema é *A Cultura Popular Na Idade Média e No Renascimento: O contexto de François Rabelais*

– importante por relacionar o social e o literário (compreendido como materialidade acabada) – em que Bakhtin (2008) explora a questão da Idade Média e do Renascimento retratada nos trabalhos de François Rabelais, principalmente em *Gargantua e Pantagruel*, argumentando que a obra do autor francês foi incompreendida e enfatiza, em sua teorização, a questão do Carnaval como uma instituição social que faz parte do realismo grotesco e do riso revolucionando, além disso disserta a respeito da literatura, do carnaval, do realismo grotesco e do corpo. Uma das características do corpo para o realismo grotesco em *A Cultura Popular Na Idade Média e No Renascimento* é o movimento: é um corpo em transformação, em constante estado de construção. Junto a esse movimento, há a questão do exagero, dos excessos e grandiosidades, opondo-se a uma noção de corpo clássico, fechado: “[o corpo grotesco] jamais está pronto nem acabado: está sempre em estado de construção, de criação, e ele mesmo constrói outro corpo; além disso, esse corpo absorve o mundo e é absorvido por ele” (BAKHTIN, 2008, p. 277). Nesse sentido, os limites do corpo pertencem a uma ordem alterada, constituindo-se de forma diversa, sendo, assim, um corpo considerado em movimento por ultrapassar os limites que antes foram estabelecidos. O *grotesco*,³ para Bakhtin, transgride o maniqueísmo e estabelece sua própria conceitualização estética e, por isso, é tão necessário um estudo a respeito de suas particularidades.

De uma forma geral o grotesco pode ser valorado como negativo, apesar de ser um conceito advindo das artes e da arquitetura, usado, muitas vezes, com o mesmo sentido de estranho, feio, bizarro, como caracterizações estéticas negativas. No entanto, o corpo grotesco possui suas próprias características e ultrapassa limites, para além de uma construção em relação e em oposição ao sublime e belo. Partindo de um sistema de imagens da cultura cômica popular, Bakhtin compreende que o princípio material

e corporal do realismo grotesco é o povo que constantemente cresce e se renova. Ademais, no realismo grotesco o *alto* e o *baixo* possuem um sentido “[...] absoluta e rigorosamente topográfico. O “alto” é o céu; o “baixo” é a terra; a terra é o princípio de absorção (o túmulo, o ventre) e, ao mesmo tempo, de nascimento e ressurreição (o seio materno)” (BAKHTIN, 2008, p. 18), nesse sentido, o corpo é deslocado de um *alto* ligado à estética clássica (rosto, cabeça, pensamento, belo, branco) e rebaixado a um corpo ligado à terra e as suas manifestações, secreções e partes (órgãos genitais, o ventre e o traseiro).

Rebaixar consiste em aproximar da terra, entrar em comunhão com a terra concebida como um princípio de absorção e, ao mesmo tempo, de nascimento: quando degrada, amortalha-se e semeia-se simultaneamente, mata-se e dá-se a vida em seguida, mais e melhor. Degradar significa entrar em comunhão com a vida da parte inferior do corpo, a do ventre e dos órgãos genitais, e, portanto com atos como o coito, a concepção, a gravidez, o parto, a absorção de alimentos e satisfação das necessidades naturais. A degradação cava o túmulo corporal para dar lugar a um novo nascimento. E por isso não tem somente um valor destrutivo, negativo, mas também um positivo, regenerador: é ambivalente ao mesmo tempo negação e afirmação. Precipita-se não apenas para o baixo, para o nada, à destruição absoluta, mas também para o baixo produtivo, no qual se realizam a concepção e o nascimento, e onde tudo cresce profusamente (BAKHTIN, 2008, p. 19).

O rebaixamento pode ser compreendido como algo negativo, no entanto, para o realismo grotesco, ele é a terra que dá vida, é a ligação com o início, segundo Bakhtin (2008, p. 19) “o baixo é a terra que dá vida, e o seio corporal; o baixo é sempre o começo”. O alto está ligado a uma ascensão, ao céu, ao rosto, ao sério, àquilo que é racional e divino. Por outro lado, o baixo é a terra, o ventre, o traseiro, os órgãos genitais, o cômico, aquilo que se liga ao corporal terreno das manifestações e secreções, assim, rebaixar é aproximar da terra. Por isso, seu valor não deve ser apenas negativo, mas uma comunhão do positivo e do negativo, uma ambivalência. O corpo perde seu acabamento e

³ Bakhtin (2008), ao debater sobre a cultura popular, opta pelo uso da palavra *grotesco* e vê a necessidade de explicá-la, expondo a sua história e o seu desenvolvimento teórico. No entanto, para este artigo focaremos na questão do corpo grotesco para Mikhail Bakhtin sem perpassar ou aprofundar nas diferenças conceituais de *grotesco*, para além da concepção do autor.

intocabilidade; ele agora mostra todas as suas características e capacidades. Para Bakhtin, o corpo grotesco “jamais está *pronto* nem *acabado*: está sempre em estado de construção, de criação e ele mesmo constrói outro corpo; além disso, esse corpo absorve o mundo e é absorvido por ele” (BAKHTIN, 2008, p. 277, grifo do autor).

Partindo, assim, dos principais escritos de Mikhail Bakhtin sobre o corpo, podemos olhar para literatura como materialidade linguística a fim de compreender essa relação entre o corpo e o processo de alteridade, observando que determinados corpos possuem uma valoração negativa que permeia tanto as suas características estéticas quanto éticas possibilitando afirmar que as valorações não se dão apenas pelo corpo, mas pelas relações éticas e de poder entre os sujeitos na sociedade ficcional ou real. Assim, nos debruçaremos sobre uma obra literária para compreender e dialogar com as teorias bakhtinianas.

John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973) foi, além de um premiado escritor, professor universitário e filólogo britânico, mundialmente conhecido por suas obras literárias, dentre elas, a sua mais famosa, *O Senhor dos Anéis*. O autor teve uma renomada carreira acadêmica e suas obras influenciaram diversos ramos artísticos, propagaram a literatura fantástica moderna e alcançaram um alto reconhecimento. O mundo ficcional de J. R. R. Tolkien é considerado um dos mais completos e vastos, por desenvolver línguas, povos, mapas e uma cosmogonia própria, assim como uma divisão cronológica em eras.

Sua obra póstuma mais famosa é *O Silmarillion* foco de nosso trabalho, que corresponde à Primeira Era de Arda e começou a ser escrito em 1917, quando J. R. R. Tolkien servia o Corpo de Fuzileiros de Lancashire durante a Primeira Guerra Mundial

e adoeceu de “febre das trincheiras”.⁴ No entanto, a obra só foi publicada após a morte do autor, em 1977. A primeira edição brasileira foi publicada em dezembro de 1999 pela editora *Martins Fontes* e em 2020 ganhou uma nova tradução pela *HarperCollins Brasil*. A obra está dividida em cinco partes que passam pela criação do mundo pela “Música dos Ainur”, “A História das Silmarils”, um relato da “história da Queda de Númenor” (Segunda Era de Arda) e, por fim, “um breve relato das circunstâncias que levaram aos eventos narrados em *O Senhor dos Anéis*”. Tendo em vista que *O Silmarillion* narra o mito cosmogônico do mundo tolkeniano, ou seja, o relato da criação do mundo – suas primeiras criaturas, natureza, povos, conflitos – sua complexidade é extremamente rica para a compreensão das relações sociais. Para esse artigo, especificamente, trataremos como recorte de análise a criação e a valoração dos anões e orcs.⁵

Durante a criação do mundo,⁶ como Aulë⁷ estava ansioso pela chegada dos elfos para poder ensinar suas habilidades, criou sete anões em um salão sob as montanhas da Terra-média. Eru descobre e repreende Aulë, que oferece suas criações para Eru⁸ fazer o que quisesse, inclusive destruí-las. No entanto, quando Aulë pegou seu grande martelo para destruir as suas criações, eles encolheram de medo e imploraram por misericórdia. Eru, com pena, permitiu que os anões vivessem, contanto que adormecessem no subsolo e despertassem apenas depois que os elfos tivessem acordado. São descritos como atarracados, de baixa estatura, barbudos, teimosos, leais, fisicamente fortes, possuíam grande resistência, especialmente a habilidade de resistir ao calor e ao frio e suportavam fardos pesados.

Em um primeiro momento os anões são valorados negativamente por não serem criados

⁴ Doença causada pela bactéria *Bartonella quintana* e transmitida pelo piotho humano, pela pulga ou por lesões na pele. Foi originalmente observada em militares durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais devido às condições higiênicas das trincheiras e às pandemias que causava. Seus sintomas mais comuns são febre aguda recorrente, dor de cabeça intensa, fraqueza e dor nos ossos.

⁵ Aprofundamentos a respeito da obra e análise dos Valar foram desenvolvidas em trabalhos anteriores, como na tese de doutorado já mencionada, por isso a escolha de olhar para os anões e orcs no momento.

⁶ No mito cosmogônico de J. R. R. Tolkien, no início havia o Vazio, em que existia apenas Eru, o único, que cria entidades de seu pensamento, os Ainur, para desenvolverem uma grande música (A Música dos Ainur) que dará existência a Arda, a terra. Para que Arda exista é necessário que os Ainur a adentrem para construir plantas, terra, mar, sol, lua, animais, etc. Aqueles que desceram a ela são chamados de Valar e são 15 no total.

⁷ Aulë é um dos Valar que adentraram em Arda, companheiro da Vala Yavanna. Tem poderes similares aos de Melkor e é um ferreiro e mestre artífice, uma das suas maiores obras foram *As Duas Lâmpadas dos Valar*, além dos anões.

⁸ Eru (que significa o Único), também chamado de Ilúvatar (Pai de todos), é o deus criador e supremo de Arda.

por Eru, contudo a partir do momento em que são aceitos por ele, passam a fazer parte de um grupo e, supostamente, não são mais vistos como diferentes. Porém, no decorrer da Eras sempre foram tratados como diferentes e excluídos, tanto pelos homens quanto pelos elfos. Na Terceira Era, os anões praticamente não se relacionavam com os elfos, pelos quais alegavam terem sido abandonados diversas vezes ao longo da história. Ademais, o corpo dos anões é visto como repugnante e jocoso, e também são julgados pelo local em que nasceram e vivem, sua língua e cultura.

A maior de todas as mansões dos anões era Khazad-dûm, a Mina dos anões, Hadhodrond no idioma dos elfos, que mais tarde nos seus dias escuros foi chamada de Moria; mas ela ficava muito distante nas Montanhas Nevoentas, para além das longas léguas de Eriador, e só chegava aos elfos como um nome e um rumor com origem nas palavras dos anões das Montanhas Azuis. De Nogrod e Belegost, os naugrim avançaram para Beleriand; e os elfos se encheram de espanto, pois acreditavam que eram os únicos seres vivos na Terra-média a falar com palavras ou a trabalhar com as mãos, e serem todos os outros apenas aves e feras. Não conseguiam, porém, entender nenhuma palavra da língua dos naugrim, que a seus ouvidos era pesada e sem beleza. E poucos foram os eldar que chegaram a dominá-la. Já os anões tinham facilidade de aprendizado e, de fato, estavam mais dispostos a aprender a língua dos elfos do que a ensinar a sua própria àquela raça estranha (TOLKIEN, 2009a, p. 105-106).

Na relação entre elfos e anões cada um se vê e se valora de formas distintas. Para os elfos, os anões são considerados grotescos devido às características do seu corpo e por morarem em minas. Já os anões também valoram os elfos como estranhos: pensando que eram os únicos povos sobre a terra, se espantam ao encontrarem outros povos que, por sua vez, têm corpos, língua e costumes diferentes dos seus. No entanto, os elfos são sempre valorados como belos, enquanto os anões, não. Ao longo da história da humanidade, esse movimento do encontro com o outro, tão diferente de mim, se tornou banal. No entanto, o movimento foi quase sempre o mesmo, o de

curiosidade e, posteriormente, de dominação, concebendo o outro como não pertencente.

Em *O Silmarillion*, as descrições dos corpos não são sobre os corpos, como se fossem neutros, despossuídos de uma ética, mas sim valorados sobre os aspectos de poder. O poder, aqui, é discursivo: aqueles que concordam e aqueles que discordam com um discurso dogmático em voga naquele mundo. Bakhtin afirma que o discurso dogmático é direto, despersonalizado, autoritário e não permite questionamentos. Nesse sentido, o autor afirma que:

É necessário também estabelecer o grau de caráter autoritário da percepção da palavra [slovo], o grau da sua segurança e do seu dogmatismo ideológico. Quanto mais a palavra é dogmática, quanto menos a percepção compreensiva e avaliadora permite saltos, desvios e gradações entre verdade e engano, entre bem e mal, mais despersonalizadas serão as formas conforme as quais são reportadas a palavra outra (BAKHTIN, 2011a, p. 77).

Em outras palavras, Bakhtin declara que determinados corpos são excluídos socialmente com base em suas características físicas, porque, ao longo da história, foi-se construindo um discurso negativo a respeito desses corpos, ou seja, eles são carregados de uma história e de um peso social. Na Primeira Era de *O Silmarillion*, os orcs, criações do inimigo Melkor,⁹ eram tidos como elfos que foram deformados por ele, tornando-se seres de corpo atarrachado, pele cinza e personalidade cruel. Logo, em todas as Eras da Terra-média, os orcs são valorados como negativos e limitados a essa constituição enquanto indivíduos. Na literatura, principalmente na fantástica, os corpos negativos são limitados a certos povos que, em uma relação dicotômica de poder, estão na posição de subserviência. É interessante notar que, ao se voltar para a realidade, é possível ver os mesmos movimentos de dominação e de preconceito sobre corpos que foram historicamente dominados e escravizados, como os corpos do povo negro. Corpos que fogem à norma vigente construída em determinada

⁹ Melkor, também conhecido como Morgoth, considerado o Valar mais sábio e poderoso, durante a Música dos Ainur se rebelou contra Eru e é considerado o inimigo no mundo tolkeniano.

época e por determinada cultura. Essa norma pode ser ética ou estética e, em muitos casos, é ambas. Ela torna-se justificativa para um processo de exclusão social e, posteriormente, extermínio do outro corpo. O racismo, por exemplo, age dessa forma, pois:

[C]onsiste em caracterizar um conjunto humano pelos atributos naturais, eles próprios associados às características intelectuais e morais que valem para cada indivíduo dependente desse conjunto e, a partir disso, pôr eventualmente em execução práticas de inferiorização e de exclusão (WIEVIORKA, 2007, p. 9).

O racismo é um mecanismo de opressão e de exclusão social estabelecido quando os corpos de determinados sujeitos são negativamente valorados simplesmente por sua etnia. Os corpos, atos sociais e capacidades intelectuais desses indivíduos são inferiorizados por eles pertencerem a uma etnia diferente daquela que detém poder (material e/ou simbólico). Assim, a partir do momento que um grupo é inferiorizado por ser diferente de outro, ele é afastado de características que possam estabelecer um processo de empatia ou reconhecimento como pertencentes ocasionando atitudes preconceituosas que levam à exclusão e/ou extermínio.

Joel Rufino dos Santos, historiador, professor, escritor e uma das referências no estudo da cultura africana no Brasil, desenvolve em seu livro *O que é Racismo* (1994) uma discussão a respeito do racismo e seus processos. Antes de se pautar em características físicas, o racismo era compreendido como o outro diferente na cultura, na língua, nas leis, entre outros. Somente na Era Moderna, por volta de 1400, que o racismo começa a se basear na cor da pele:

A partir deste momento, como se vê, o racismo deixou de ser puramente cultural ("Não gosto dele porque ele não fala grego" ou "Não gosto desta gente porque não é cristã"). Passou a ser também biológico: "Não gosto dele porque ele é preto" ou "Não topo esta gente porque ela está mais perto dos animais que de nós, humanos". Como os índios norte-americanos tivessem a mesma cor que os europeus, inventou-se, para rebaixá-los a "povo de cor", a "pele vermelha"; enquanto os teólogos, Bíblia embaixo do braço, tratavam de explicar que

a palavra *indian* não passava de corruptela de *judeus* (SANTOS, 1994, p. 25).

Portanto, vê-se que o racismo, proporcionado e incentivado por diferentes condições, estabeleceu-se enquanto um mecanismo que afirma que os não brancos são diferentes e inferiores aos brancos. O preconceito a qualquer corpo que não possua características europeias pode ser observado tanto nas obras artísticas quanto na realidade do mundo. Em *O Silmarillion*, muitas críticas já foram levantadas a respeito das descrições corpóreas dos orcs, mas, ao aprofundar a análise dessa questão, percebe-se que o ideal de beleza presente na obra é construído em relação a corpos brancos e com características europeias em oposição a um corpo achatado, de pele escura e deformações:

É, porém, considerado verdadeiro pelos sábios de Eressëa que todos aqueles quendi que caíram nas mãos de Melkor antes da destruição de Utumno foram lá aprisionados, e, por lentas artes de crueldade, corrompidos e escravizados; e assim Melkor gerou a horrenda raça dos orcs, por inveja dos elfos e em imitação a eles, de quem eles mais tarde se tornaram os piores inimigos. Pois os orcs tinham vida e se multiplicavam da mesma forma que os Filhos de Ilúvatar; e nada que tivesse vida própria, nem aparência de vida, Melkor jamais poderia criar desde sua rebelião no Ainulindalë antes do Início. Assim dizem os sábios. E, no fundo de seus corações negros, os orcs odiavam o Senhor a quem serviam por medo, criador apenas de sua desgraça. Esse pode ter sido o ato mais abjeto de Melkor, e o mais odioso aos olhos de Ilúvatar (TOLKIEN, 2009a, p. 49).

Nas descrições contidas na obra, os orcs seriam primeiro os elfos que caíram nas armadilhas de Melkor e foram corrompidos e, depois, membros de uma raça gerada em imitação aos elfos. Eles seriam algo como um mestiço, uma mistura entre esses primeiros elfos e outra coisa, ser que não se sabe qual seria. Assim, eles já são considerados como horrendos pelo fato de serem mestiços, característica que, por si só, já gera um preconceito contra eles. Talvez, os orcs sejam o povo mais odiado dentro da narrativa de Tolkien por terem sido criados por Melkor sem aprovação de Eru. Mesmo os anões, que foram criados também por um Valar (Aulë), são aceitos, porque Eru deu a permissão

para que eles vivessem. Portanto, os orcs, mesmo quando não estão sobre as ordens de Melkor (ou posteriormente Sauron), são excluídos socialmente e mortos. A justificativa para sua exclusão e morte seriam sua animalização e o ódio que sentem por tudo, valoração atribuída pelo outro a eles.

Para um enriquecimento da discussão, partiremos da materialidade da literatura para a realidade em dados, como forma de cotejo. De acordo com dados do *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil*,¹⁰ de autoria do sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz com o apoio de várias instituições,¹¹ as mulheres negras são as principais vítimas de violência no Brasil:

Nos diversos Mapas da Violência em que abordamos a questão da incidência da raça/cor na violência letal, para o conjunto da população, concluímos que:

a. Com poucas exceções geográficas, a população negra é vítima prioritária da violência homicida no País.

b. As taxas de homicídio da população branca tendem, historicamente, a cair, enquanto aumentam as taxas de mortalidade entre os negros.

c. Por esse motivo, nos últimos anos, o índice de vitimização da população negra cresceu de forma drástica (MAPA DA VIOLÊNCIA, 2015, p. 29).

Com base nos gráficos levantados pelo Mapa da Violência 2015, conclui-se que:

- As taxas de homicídio de mulheres brancas caíram 11,9%: de 3,6 por 100 mil brancas, em 2003, para 3,2 em 2013. Em contrapartida, as taxas das mulheres negras cresceram 19,5%, passando, nesse mesmo período, de 4,5 para 5,4 por 100 mil.

- Com esse diferencial de crescimento, as taxas de ambos os grupos de mulheres foram se afastando [...]. Essa distância relativa, entre as taxas de vítimas brancas e negras, é o que denominamos índice de vitimização negra, que nada mais é do que a diferença percentual entre as taxas de homicídio de mulheres

de ambos os grupos. Vemos que o índice de vitimização negra, em 2003, era de 22,9%, isso é, proporcionalmente, morriam assassinadas 22,9% mais negras do que brancas. O índice foi crescendo lentamente, ao longo dos anos, para, em 2013, chegar a 66,7% (MAPA DA VIOLÊNCIA, 2015, p. 31-2).

Observa-se que a mulher negra, relativamente à mulher branca, é a maior vítima de homicídio. São vários os fatores para que essas taxas sejam tão elevadas. Um deles é o estereótipo construído sobre a mulher negra, que perpassa por dois tipos de opressão: de gênero (dominação masculina sobre corpos femininos), de etnia (dominação dos brancos sobre os negros) e de classe. Assim, essa mulher é duplamente agredida. Historicamente, ao mesmo tempo em que as mulheres escravas no Brasil eram trabalhadoras que deveriam servir ao seu senhor, elas também sofriam com o estupro, visto como algo positivo porque geravam filhos mestiços e cada vez mais brancos, proporcionando, assim, um embranquecimento da população brasileira e se aproximando de uma estética corpórea desejada. Além disso, o estupro gerava mais propriedades para o senhor dos escravos.

Apesar do fim da escravidão e começo de novos processos sociais, essas práticas de violência e a valoração negativa da estética do corpo da mulher negra permaneceram. A plataforma *Evidências sobre Violências e Alternativas para Mulheres e Meninas* (EVA), lançada pelo Instituto Igarapé, levantou dados a respeito dos crimes cometidos contra as mulheres nos estados de Rio de Janeiro, Alagoas, Bahia e São Paulo. Segundo os dados, em 2018, ocorreram 2.349 casos de estupro de mulheres pretas ou pardas, enquanto o índice para mulheres brancas era de 1.545. De acordo com entrevista fornecida por Bruna Jaquetto¹² à revista *online Gênero e Número*, na reportagem "No estado do Rio, negras são principais vítimas em crimes contra a vida e estupro".

¹⁰ O Mapa da Violência é uma série de estudos que, com apoio de diversas instituições parceiras, são realizados periodicamente com foco na problemática da juventude e da violência. Publicados desde 1998, já foram divulgados 27 estudos até o ano de 2021. Os últimos materiais são de 2015, divididos em três categorias: Mortes Matadas por Armas de Fogo, Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil e Homicídio de Mulheres no Brasil. E, em 2016, apenas com a categoria Homicídio por armas de fogo no Brasil.

¹¹ Entre essas organizações está a ONU – Mulheres (Organização das Nações Unidas – Mulheres) e OPAS/OMS (Organização Pan-Americana da Saúde – Organização Mundial da Saúde).

¹² Coordenadora do Grupo de Estudos Mulheres Negras da Universidade de Brasília (UnB).

A imagem da mulher negra hipersexualizada não é inofensiva. As imagens geram práticas e consequências. Se a ideia é que a mulher negra está sempre disposta ao sexo e existe para isso mesmo, essa é a consequência mais cruel: a mulher negra fica mais exposta ao ato consumado. Claro que as mulheres brancas também sofrem, mas esta é uma violência mais insinuada que concretizada. Isso tem a ver com como as mulheres são vistas na sociedade brasileira: a branca é mais casta, a 'mulher direita'. Pra mulher negra este lugar nunca está dado (FERREIRA; BRINO, 2019).

Em "Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira"¹³ a autora Lélia Gonzalez, importante nome para compreensão do negro no Brasil – foi antropóloga, intelectual e ativista negra brasileira –, discute a questão da mulher negra na dupla imagem de mulata e doméstica. De forma didática e irônica, a autora faz uma discussão muito interessante a respeito do racismo no Brasil, demonstrando como ele não está deslocado das questões de raça e gênero (em uma época anterior às discussões de feminismo interseccional). A mulata e a doméstica se encontram na mesma mulher negra de pele retinta, aplaudida durante o carnaval e silenciada na casa dos patrões. Sendo considerada e carregada de uma valorização histórica de mucama¹⁴ permitida, assim, o artigo em questão demonstra como a construção do sujeito mulher negra tem como base toda uma carga histórica e cultural do Brasil, revelando que os nomes animalescos e as avaliações negativas desde a época das navegações e da escravidão são utilizados e atualizados nas relações sociais brasileiras. Compreendo que, para Mikhail Bakhtin, o discurso dogmático é autoritário, não permite questionamentos e constrói, através das palavras e ao longo da história, avaliações negativas sobre o corpo negro resultando em uma exclusão social baseada em características físicas. Dessa forma, este corpo ainda é visto como um objeto, seja de desejo sexual ou intelectual (no sentido de que são objeto de pesquisa e exibição) proporcionando um apagamento e silenciamento da unicidade desse

sujeito.

Desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães de mato, capangas, etc., até à polícia formalmente constituída. [...] No caso do grupo dominado o que se constata são famílias inteiras amontoadas em cubículos cujas condições de higiene e saúde são as mais precárias (GONZALEZ, 1984, p. 232 apud GONZALEZ, 1979).

Gonzalez¹⁵ levanta pontos importantes a respeito das relações sociais do povo negro, em que parece que esse corpo nunca saiu do estado de objeto, coisa. Por exemplo, na citação acima em que a moradia e o lugar de pertencimento de cada grupo é sempre o mesmo, enquanto o homem branco está nas melhores moradias, mais belas e com melhor infraestrutura, tanto na colonização quanto na atualidade, os negros estão nas senzalas, favelas, lugares com falta de infraestrutura, saneamento básico e mobilidade urbana. Além disso, há também o modo como o policiamento serve a cada grupo: enquanto os brancos estão protegidos (seja pelo capitão do mato ou pela polícia formal), aos negros são destinadas as repressões e violências policiais. Dessa forma, o lugar do negro, além de ser nas periferias, é nas prisões – locais de repressão e de exclusão social, sendo a justificativa para isso a ordem e a segurança social, segundo Gonzalez (1984, p. 233) "enquanto isso, o discurso dominante justifica a atuação desse aparelho repressivo, falando de ordem e segurança sociais", mas, ao se olhar de perto, vê-se que se trata da proteção de uns pela repressão de outros. Nesse sentido, podemos compreender que, além de uma disputa de poderes através do discurso a respeito das avaliações corporais levantada por Bakhtin, há uma dinâmica dicotômica entre o dominador

¹³ Texto apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho "Temas e Problemas da População Negra no Brasil", IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1980 e publicado na Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

¹⁴ Mucama: no Brasil, escrava ou criada negra, geralmente jovem, que ajudava nos serviços domésticos e acompanhava sua senhora (sinhá) em passeios; ama de leite dos filhos; e, também, a negra escrava sexual dos seus senhores.

¹⁵ Citação da própria autora sobre sua conferência "O Papel da Mulher Negra na Sociedade Brasileira", no Spring Symposium the Political Economy of the Black World. Los Angeles, 10-12 de maio de 1979.

e o dominado, entre o *eu* e o *outro*. Esse *outro* constituído por uma valoração negativa do corpo é reprimido, excluído e assassinado, demonstrando como o ético e o estético do corpo fazem parte da constituição deste pela alteridade. Na teoria bakhtiniana, o *eu* só existe porque existe o *outro*, ambos em suas singularidades, assim, o negro só é considerado diferente na relação com o branco e na constituição de um discurso dogmático em que um é visto e valorado como positivo em relação ao outro visto e valorado como negativo.

Os dados escancaram a injusta realidade da população negra brasileira, principalmente, da mulher negra. Por isso, discutiu-se como mecanismos sociais de exclusão e de preconceito estão presentes na obra literária *O Silmarillion*, na tentativa de compreensão das valorações sociais atribuídas a diferentes corpos, mesmo que eles apresentem características em comum. Olhar para literatura também é olhar para a realidade de uma forma diferente, para poder compreender aquilo que, muitas vezes, nos fere enquanto sujeitos na nossa própria existência. Enquanto na obra de J. R. R. Tolkien, por se tratar de uma fantasia, os orcs, por exemplo, são considerados seres inferiores e, por não existirem na nossa realidade, nos passa despercebido o seu preconceito, enquanto na realidade da vida, banalizamos a morte da população negra e sua narrativa de dor e sofrimento, muitas vezes, olhando para o ser humano como olhamos para um ser ficcional e, algumas vezes, demonstrando mais indignação com a ficção do que com a vida.

Considerações finais

Tendo em vista a base teórico-metodológica de Mikhail Bakhtin, apercebemos que o corpo faz parte de uma sociedade que o constitui no processo de alteridade: com ele compreendo o outro e a mim mesmo, sou valorado esteticamente e eticamente na minha relação com o outro. Neste artigo podemos observar as relações e os mecanismos de valoração, exclusão social e extermínio de determinados corpos na obra *O Silmarillion* de J. R. R. Tolkien assim como na realidade com os dados sobre a violência sofrida

pelas mulheres negras brasileiras. O negro, ao longo da história, foi inferiorizado e excluído socialmente, comercializado e assassinado e as justificativas para tais atos eram a cor da sua pele ou características fenotípicas, narrativa construída através da palavra dogmática e da utilização de valorações negativas. Ademais, o corpo da mulher negra foi estuproado e objetificado gerando constantes violações e valorações negativas.

Com base no exposto podemos pensar que a alteridade apresentada por Bakhtin é perpassada por violência e ódio. No entanto, quando compreendo a existência do *outro*, tão única e singular como a minha, eu o coloco em um processo também amoroso. É importante compreender que perceber o *outro* é condição própria da relação social e que ele tem direito de existir e sentir, tanto quanto eu, porque para que o *eu* exista é necessária a existência do *outro*.

Corpos que são valorados esteticamente e eticamente como negativos são considerados o *diferente* e, por isso, também resistência, uma vez que a sua existência no mundo afirma e lembra que ser diferente da norma vigente é ser profundamente revolucionário, é resistir apenas pelo ato de viver. É transgredir pelo corpo, uma vez que ele faz parte de um realismo grotesco, de movimento, de subversão da ordem e de transformação. Assim, o corpo é *resistência*, transcendência dos limites e das relações sociais.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o Contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Para uma Filosofia do Ato Responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010a.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010b.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011a.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Quatro Fragmentos*. Tradução Valdemir Miotello. In: GEGe, Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. *Questões de Cultura e Contemporaneidade: o olhar oblíquo de Bakhtin*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011b. p. 225-230.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *O homem ao Espelho: apontamentos dos anos 1940*. Tradução de Cecília Maculan Adum, Marisol Barenco de Mello e Maria Leticia Miranda. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

FERREIRA, Lola; BRUNO, Maria Martha. No estado do Rio, negras são principais vítimas em crimes contra a vida e estupro. In: Gênero e Número. [S. l.], 26 nov. 2019. Disponível em: <http://www.generonumero.media/mulheres-negras-crime-estupro-brancas>. Acesso em: 10 mar. 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, [S. l.], p. 223-244, 1984.

RUFO, Alline Duarte. O corpo e o outro: constituição da alteridade em uma perspectiva bakhtiniana de O Silmarillion de J. R. R. Tolkien em cotejo com o racismo. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13081>. Acesso em: 26 abr. 2021

SANTOS, Joel Rufino dos. *O que é Racismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. *O Silmarillion*. Tradução de Waldéa Barcellos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1999a.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. *The Silmarillion*. London: HarperCollins Publishers, 1999b.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. *O Silmarillion*. Tradução de Reinaldo José Lopes. Rio de Janeiro: Harper Collins Publishers, 2019.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. *O Senhor dos Anéis*. Tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves e Almiro Pisetta. Volume Único. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2015 homicídio de mulheres no Brasil*. Brasília: OPAS/OMS, ONU Mulheres, SPM e Flacso, 2015. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf. Acesso em: 10 mar. 2020.

WIEVIORKA, Michel. *O racismo, uma introdução*. Tradução de Fany Kon. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Alline Duarte Rufo

Doutora e mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em São Carlos, SP, Brasil; linguista graduada no Bacharelado em Linguística pela mesma instituição; licenciada em Letras-Português pela Universidade de Franca (UNIFRAN); e especialista em LIBRAS pela Faculdade de Educação São Luís. Professora de Língua Portuguesa no Estado de Minas Gerais e membro do Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (GEGe).

Endereço para correspondência:

Alline Duarte Rufo

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

13565-905

São Carlos, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.